

Academia Internacional da Cultura portuguesa
Do Movimento Litúrgico à Reforma Litúrgica em Portugal

Lisboa, 15 de maio 2012

Saudação e agradecimento

Introdução

Antes de mais, o que se entende por Movimento Litúrgico e por reforma Litúrgica?

Por Movimento Litúrgico, entende-se o fenómeno eclesial e histórico-cultural em ordem a tornar eficaz a ação da Igreja no mundo e a mover cada cristão a uma participação no mistério de salvação realizado plenamente em Cristo.

A reforma litúrgica foi o resultado do espírito do grande evento do Concílio Vaticano II para fomentar sempre mais a vida cristã, num equilíbrio entre a conservação da sã tradição do conteúdo imutável da fé cristã e o necessário e justo progresso nas partes mutáveis da Liturgia.

1. As etapas do Movimento Litúrgico até à constituição *Sacrosanctum Concilium* podem ser articuladas em três períodos:

- 1º primeiro período: 1909-1914;
- 2º período: 1914-1918 e 1939-1943;
- 3º período: 1943-1963.

A) 1º primeiro período: 1909-1914

Convencionalmente, situa-se o início do Movimento Litúrgico em 1909, por ocasião do *Congrès National des Oeuvres Catholiques* em Malines na Bélgica, sob o impulso de Lambert Beauduin (1873-1953). Este monge beneditino tinha amadurecido a ideia de um retorno consciente e

participante dos fiéis nas grandes riquezas da liturgia¹. Nessa data ele propôs trazer de novo aos fiéis a compreensão e o amor dos mistérios que se celebram no altar. O objectivo era voltar a pôr o missal na mão dos fiéis.

A produção litúrgica destes primeiros anos é abundante e de grande qualidade². A par da bibliografia surgiram os cursos, as semanas de formação, as revistas e os subsídios litúrgico-pastorais, mostrando que a liturgia é fonte de vida e não só uma instituição cerimonial e rubricista.

B) 2º período: 1914-1918 e 1939-1943

O impulso inicial que partiu do Congresso de Malines começou a difundir-se, seguindo-se outras iniciativas, como a do I Congresso Internacional de Liturgia em Antuérpia em 1930.

Na Alemanha, a abadia de Maria Laach procurou atuar de acordo com as instâncias do Movimento Litúrgico, dedicando-se à formação dos professores, do clero e dos universitários. Grandes figuras como Odo Casel (1886-1948) e Romano Guardini (1885-1968) ajudaram a renovar o conceito de liturgia.

Dos chamados “teóricos da teologia da liturgia”, damos um especial destaque a O. Casel, a partir do seu livro *o mistério do culto cristão*³, a sua obra mais conhecida e escrita em 1932. O. Casel nasceu em 1886 em Koblenz-Lützel na Alemanha. Foi monge beneditino no famoso mosteiro de Maria Laach. Morreu a 28 de Março de 1948, na Vigília Pascal ao cantar o “*Exultet*”. O abade do mosteiro ao comunicar a notícia da sua morte apresentou-o como «*o cultor e o mistagogo do sagrado mistério*»⁴.

¹ L. BEAUDUIN, *La piété de l'Église. Principes et faits*, Abbaye de Mont-César, Louvain 1914.

² Cf. M. FESTUGIERE, *La liturgie catholique. Essai de synthèse*, Maredsous 1913; L. BEAUDUIN, *La piété de l'Église. Principes et faits*, Louvain 1914.

³ O. CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, Borla, Roma 1985.

⁴ «*sacri mysterii cultor et mystagogus*». J. ALDAZÁBAL, «*La pascua de Odo Casel, hace cincuenta años*», *Phase* n. 38 (1998) 91-94.

Um dos seus discípulos notável, S. Marsili, diz que «Casel, filólogo das línguas clássicas antigas, ficou impressionado pelo facto de que a acção litúrgica é chamada, nas fontes antigas, com o nome de *mysterium – sacramentum*»⁵. E é pois pela filologia que se propõe passar da liturgia à teologia litúrgica.

Casel foi, não só um estudioso, mas sobretudo o cultivador, mistagogo e teólogo do mistério de Cristo, abrindo novos horizontes com o seu pensamento e linguagem, na compreensão da liturgia, revelando-se um precursor do evento do II Concílio Ecuménico do Vaticano.

Pela mão deste insigne capelão das monjas beneditinas de Herstelle, que o apelidaram de pai, somos conduzidos a outros valores que hoje nos parecem evidentes, tais como: «o protagonismo da Igreja local, a primazia da Palavra de Deus, a importância do Domingo cristão e da Páscoa, as analogias entre a nossa liturgia cristã com as de outras religiões e culturas...»⁶.

O valor de Casel na história da teologia litúrgica é enorme, ao mostrar que a liturgia é continuação e atualização do mistério de Cristo e da história da salvação, celebrada por meio de ritos e sinais. A liturgia não é só memória mas presença no “*hodie*” litúrgico; ela celebra sempre o mistério de Cristo, que é sempre igual na sua plenitude. Alguns teólogos, como J. Ratzinger, consideram a teologia dos mistérios de Casel como a mais original e fecunda do século XX⁷.

O Movimento Litúrgico teve o seu natural desenvolvimento por toda a Europa⁸. Na Áustria, Pio Parsch, cónego agostiniano de Klosterneuburg, favorece a atuação pastoral do Movimento Litúrgico. Na Itália, surgiram a

⁵ S. MARSILI, «Prefazione», in CASEL, *Il mistero del culto cristiano* 1985, 1-2.

⁶ ALDAZÁBAL, *La pascua*, 94.

⁷ Cf. J. RATZINGER, *Il fondamento sacramentale dell'esistenza cristiana*, Queriniana, Brescia ²2005, 6.

⁸ Cf. O. ROUSSEAU, *Histoire du mouvement liturgique, esquisse historique depuis de début du XIX siècle jusqu'au pontificat de Pie X*, Cerf, Paris 1945.

Revista Liturgica (1914) do mosteiro de Finalpia, Emmanuel Caronti⁹ e Ildefonso Schuster com a publicação do seu *Liber Sacramentorum*¹⁰. Em Espanha, é importante a ação dos mosteiros de Montserrat e de Silos. Nos Estados Unidos, o Movimento Litúrgico encontra o seu primeiro centro no mosteiro de St. John (Collegeville).

O início do Movimento Litúrgico, em Portugal, pode datar-se no I Congresso Litúrgico Português, realizado em Vila Real de 17 a 19 de Junho de 1926¹¹. Em Braga, realizou-se depois, em 1928, o Congresso Nacional de Liturgia¹². Tanto o mosteiro de Singeverga como o Seminário Maior dos Olivais foram dois centros importantes do Movimento Litúrgico.

Muitos e grandes liturgistas são contados neste movimento litúrgico português:

- Dr. António Ribeiro de Vasconcelos e a sua obra *Compêndio de Liturgia Romana*¹³;
- Mons. José Manuel Pereira dos Reis, precursor do Movimento Litúrgico em Portugal¹⁴;
- Mons. Freitas Barros e o *Missal dos fiéis*¹⁵;

⁹ E. CARONTI, *La pietà liturgica*, Turim 1920.

¹⁰ A. SCHUSTER, *Liber Sacramentorum. Note storiche e liturgiche sul Messale Romano*, 10 voll., Marietti, Torino-Roma 1919-1941.

¹¹ Cf. T. DE OLIVEIRA, «Movimento litúrgico em Portugal», *Ora et labora* 1 (1954) 7-17. Por iniciativa de D. João Evangelista de Lima Vidal, 1º bispo da Diocese de Vila Real, criada em 1922, realizou-se o primeiro congresso litúrgico em Portugal. Neste congresso, cujas actas não foram publicadas, apresentaram-se vários temas, dos quais destacamos alguns: *a liturgia e a vida paroquial* (P. Pereira dos Reis); *o sacramento da Ordem* (P. Manuel Gomes de Almeida); *a liturgia e a vida da Igreja* (D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto); *a liturgia e a pregação* (P. Paulo Durão Alves); *importância da cultura litúrgica na vida espiritual* (D. António Coelho); *o Bispo e a Catedral* (Maria do Carmo Lencastre); *o sacrifício da Missa* (Mons. Eduardo Coelho Ferreira); *o sacramento da Confirmação* (Cipriano do Vale); *a educação litúrgica* (D. José de Lencastre); *liturgia do sacramento da Eucaristia* (P. António Ribeiro Teles); *música sacra. Organização do canto popular nas igrejas* (P. Avelino José Pinto da Silva); *a catequese e a liturgia* (Mons. Freitas Barros); *a liturgia e o Papa* (D. Sebastião Nicotra, Núncio Apostólico em Portugal). Cf. B. FERREIRA DA COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal. Um ensaio histórico*, edições ora & labora, Mosteiro de s. Bento de Singeverga 2009. Paralelamente ao Congresso litúrgico de Vila Real nasce a revista *Opus Dei* (1926-1937), fundada por D. António Coelho.

¹² Ao Congresso de Vila Real, seguiu-se o Congresso Nacional Romano-Bracarense, realizado em Braga de 26 de Junho a 1 de Julho de 1928, sob a presidência do então Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Matos.

¹³ A. VASCONCELOS, *Compêndio de Liturgia Romana* 1, Coimbra 1898; ²1901.

¹⁴ Para um conhecimento mais aprofundado sobre autor, cf. J.A.N. GANHÃO, *O movimento litúrgico em Portugal. O contributo de Monsenhor Pereira dos Reis*, Lisboa 2006.

- Mons. Coelho Ferreira (*O santo sacrifício da Missa*¹⁶, *Semana santa e Semana pascal*);
- D. António Coelho, O.S.B., protagonista do Movimento Litúrgico em Portugal¹⁷;
- Cón. António Gonçalves;
- P. Correia da Cunha (*Liturgia da Vigília pascal*, 1952);
- P. Manuel Pinto, S.J. (1916-1958)¹⁸, autor de *O valor teológico da liturgia*¹⁹.

Permitam-me um desenvolvimento maior a este autor transmontano. A intenção de Manuel Pinto ao apresentar a sua dissertação de doutoramento em Teologia na Faculdade Teológica de Granada não foi apresentar um verdadeiro tratado, mas apenas tentar um primeiro esboço ou ensaio de um trabalho sobre a Liturgia como fonte teológica, ou seja,

¹⁵ J. FREITAS. BARROS, *Missal dos fiéis. Devocionário e sacramentário*, 2 voll., Lisboa 1927 e 1928. Trata-se da tradução do *Missale Romanum* e destinava-se principalmente aos fiéis.

¹⁶ E. COELHO FERREIRA, *O Santo Sacrifício*, Lisboa 1917.

¹⁷ A. COELHO, *Curso de liturgia romana. Liturgia fundamental, liturgia laudativa, liturgia sacramental*, vol.1, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, Negrelos, ³1950. Um compêndio dos princípios fundamentais da Liturgia laudativa, sacrificial e sacramental. Esta obra foi o manual de liturgia para quase todos os seminários em Portugal. Observe-se ainda que o manual foi traduzido em francês (1928 e 1938) e em italiano (1935-1937; 1939-1940). Para melhor documentação sobre este autor, consultar: B. FERREIRA DA COSTA, *Contributo de D. António Coelho para o Movimento Litúrgico em Portugal. O curso de Liturgia Romana (1926-1930)* – Tese de licenciatura em Sagrada Liturgia apresentada em 2006 no Pontifício Instituto Litúrgico em Roma, sob a orientação do P. José Cordeiro. Cf. A. CARDITA, «António Coelho: a teologia nos fundamentos da liturgia», in A. CARDITA, *O mistério, o rito e a fé. Para uma “recondução antropológica” da teologia litúrgico-sacramental*, Bond, Quimera Editores 2007, 44-49.

A. COELHO, *Curso de Liturgia romana. Liturgia sacrificial*, vol. 2, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, Negrelos, ³ 1950.

¹⁸ Manuel Joaquim Pinto nasceu a 19 de Fevereiro de 1916 em Castro Vicente, Mogadouro, Diocese de Bragança-Miranda, filho de Mário José Pinto e Elisa Neto Pinto. Estudou na Escola Apostólica os primeiros anos e entrou no Noviciado em Alpendurada, Marco de Canaveses a 25 de Junho de 1934; cursou Ciências e Filosofia em Braga (1936-1940); completou o Magistério no INA (1940-1942); fez Teologia em Granada (1942-1946), preparou-se para o doutoramento em Teologia (1946-1948); foi professor na Escola Apostólica, Macieira de Cambra (1948-1950); foi professor na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma (1950-1958), realizou a defesa da tese doutoral em Granada a 5 de Julho de 1951, sob a orientação de Miguel Nicolau, e publicou-a no ano seguinte. Foi ordenado presbítero a 15 de Julho de 1951 em Granada. Faleceu em Lisboa a 20 de Setembro de 1958 vitimado por um cancro generalizado, que se desconhecia e que o levou em pouco tempo com uma morte e resignação extraordinárias.

¹⁹ M. PINTO, *O valor teológico da liturgia*. Trata-se da sua tese de doutoramento em Teologia dogmática defendida em Granada, sob a orientação do P. Miguel Nicolau. Foi professor na Pontifícia Universidade Gregoriana. Cf. A. CARDITA, «Manuel Pinto: determinação do valor teológico da liturgia», in A. CARDITA, *O mistério, o rito e a fé*, 49-53.

«fazer um ensaio de um tratado geral do valor teológico da liturgia»²⁰ e «tentar indicar ao teólogo e determinar-lhe as condições em que ele pode avaliar o testemunho da liturgia. O campo é muito vasto. Vamos somente desbravar o terreno»²¹.

Após algumas páginas de introdução, o autor articula o trabalho em duas partes: na primeira parte estuda as noções de Liturgia e do processo teológico à luz do Magistério e do pensar teológico; na segunda parte determina o valor teológico da Liturgia num estudo sistemático de investigação e verificação das fontes bíblicas, patrísticas e teológicas. O texto termina com uma série de conclusões.

Podemos dizer que os seis anos de vida que se seguiram à publicação da tese não permitiram ao autor desenvolver o seu pensamento, como se felicitava e augurava numa recensão ao livro: «*se o assunto ora versado não é novo, se não são novos tão-pouco os princípios de hermenêutica de que o autor lançou mão, é novidade, certamente, a forma, diríamos até, a base científica em que no-los apresenta. Bem haja, pois! Só nos resta pedir-lhe que, tendo-nos dado este “esboço”, não se fique por aqui. Esperamos nos venha a mimosear com um tratado completo*»²². Uma outra recensão numa revista internacional dizia mesmo que «*cet important travail ne peut être ignore ni des liturgistes ni des théologiens*»²³.

No entanto, cinco anos depois da publicação de Manuel Pinto, o beneditino Cipriano Vagaggini, que também lhe sucede na cátedra de Liturgia na Pontifícia Universidade Gregoriana apresenta a obra *il senso*

²⁰ ²⁰ M. PINTO, *O valor teológico da liturgia*, 8.

²¹ ²¹ M. PINTO, *O valor teológico da liturgia*, 7.

²² OLIVEIRA, G., «Recensão a PINTO (Manuel), S.J. – O valor teológico da Liturgia. Coleção «Critério», vol. 27. Livraria Cruz, Braga, 1952. – 182x132; págs. XLIV-369.», in *Ora et Labora* 1 (1954) 226.

²³ RENWART, L., «Recensão a M. PINTO, S.J. – O valor teológico da Liturgia (ensaio de um tratado). Coll. «Critério», vol. 27. Braga, Livraria Cruz, 1952, 19x14 cm., XLIV-369 p.», in *Nouvelle Revue Théologique* 87 (1955) 421.

*teológico della liturgia*²⁴. Nesta obra emblemática para a ciência litúrgica cita por três vezes M. Pinto²⁵. Todavia, Vagaggini critica-o, afirmando: «*todo o trabalho do padre Manuel Pinto se limita à questão do valor da liturgia para provar pelas fontes da revelação um determinado ponto da Igreja a quem realmente ou metodologicamente o nega ou o coloca em dúvida, é claro que de toda a obra não se pode ter uma ideia adequada do valor teológico da liturgia. Aos aspetos mais importantes e mais ricos de valor teológico da liturgia não se faz nem mesmo alusão*»²⁶.

Ao criticar M. Pinto, critica ainda B. Capelle e K. Federer, por usarem um método que limita a investigação o valor teológico da liturgia, «samente à questão do “argumento litúrgico dos padres”, ou seja, somente à questão de como e em que sentido os Padres recorreram à liturgia para provar contra quem nega ou coloca em dúvida, pelo menos do ponto de vista metodológico, o fundamento de um determinado ponto de doutrina ensinado pela Igreja. Esses recentes autores não dizem palavra sobre todas as outras perspectivas teológico-litúrgicas que se encontram na literatura patrística. Como se o valor apologético fosse o único aspecto a fazer os Padres se interessarem pela liturgia. Claro que semelhante abordagem da pesquisa é toda insuficiente para nos fazer entender qual tenha sido para os Padres o valor teológico da liturgia»²⁷. Na verdade, estes autores, segundo Vagaggini²⁸, reduzem o valor teológico da liturgia à explicação do princípio *lex orandi/lex credendi*, ou melhor, *legem credendi lex statuat supplicandi*.

No entanto, a publicação da obra de M. Pinto em 1952, «ajudava não só à divulgação da *Mediator Dei*, mas também introduzia a questão do

²⁴ VAGAGGINI, C., *Il senso teologico della liturgia*, Paoline, Roma 1957. Este livro foi também traduzido em língua portuguesa: C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, Edições Loyola, São Paulo 2009.

²⁵ Cf. C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, 439. 513.

²⁶ C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, 513.

²⁷ C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, 513.

²⁸ Cf. C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, 514.

“valor teológico da liturgia” a nível nacional [Portugal], aliando-se, por isso, aos promotores do Movimento litúrgico que combatiam a índole rubricista da liturgia»²⁹. De facto, na continuidade do grande protagonista do Movimento Litúrgico em Portugal, o Pe. António Coelho, OSB, que escreveu o Curso de Liturgia Romana entre 1926-1930, situamos Manuel Pinto como um enorme contributo à Ciência litúrgica.

M. Pinto segue Melchior Cano (séc. XVII), que com o seu tratado *De locis theologicis* caracterizará um método de fazer teologia, no qual a liturgia é considerada como um *locus theologicus*. «Com efeito, é “escolástica” não só a maneira de proceder, mas também a intenção de fundo. Em relação à qualidade da provocação, este tipo de resposta demonstra-se bastante insuficiente. A função do teólogo limita-se à dedução de verdades a partir de verdades ou à verificação do próprio processo dedutivo»³⁰.

Na verdade, «*a liturgia exige uma compreensão a nível teológico, porque é essencialmente portadora de todo o dado da fé; é chamada a uma relação com a teologia, não só no significado tradicional de locus theologicus, mas no sentido que é um modo de ser da revelação e como tal deve deixar-se iluminar pela própria revelação; é lícito falar da teologia litúrgica porque a prática litúrgica extrai ela mesma os dados da revelação, que a ilumina, seguindo as categorias litúrgicas*»³¹.

Todo este movimento não aconteceu na paz. Pelo contrário, não faltaram no interior da Igreja, discussões, ataques, bispos cépticos e com muitas reservas por todo este desenvolvimento litúrgico.

²⁹ B. F. DA COSTA, *Movimento litúrgico em Portugal. D. António Coelho, o protagonista*, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, 2009, 264.

³⁰ A. CARDITA, *O mistério, o rito e a fé. Para uma “recondução antropológica” da teologia litúrgico-sacramental*, Bond, Quimera Editores, Lisboa 2007, 49-50.

³¹ S. MARSILI-D. SARTORE, «teologia litúrgica», in D. SARTORE-A-M. TRIACCA-C. CIBIEN, *Liturgia*, san Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 2001, 2018.

C) 3º período: 1943-1963

Em França, até à segunda Guerra Mundial, o interesse concentrava-se mais sobre o aprofundamento científico com as grandes publicações, como o *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de la liturgie* (1907-1953) de F. Cabrol-H. Leclerq, dos catálogos dos manuscritos dos livros litúrgicos de Leroquais, os estudos de Duchesne, a Patrologia Latina e Grega de MIGNE e Dom Pitra, entre outros. Em 1943, fundou-se o Centre de Pastorale Liturgique em Paris e a revista *La Maison-Dieu*.

Os congressos internacionais de liturgia – Lyon (1947); Maria Laach (1951); Mont st. Odile (1952); Lugano (1953); Mont-César (1954); Assisi (1956); Montserrat (1958); München (1960) – deram um enorme contributo ao Movimento Litúrgico.

A Encíclica “*Mediator Dei*” de Pio XII (20.11.1947)³² é considerada a “*Magna Carta do Movimento litúrgico*”. Este documento abre com uma introdução e conclui com um epílogo, articulando-se em quatro capítulos.

Esta encíclica, apelidada por muitos estudiosos como a encíclica do «santo equilíbrio do movimento litúrgico»³³, dá uma definição de liturgia: «a liturgia é, pois, o culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai celeste, e que a comunidade dos fiéis presta ao seu fundador e através dele ao Pai»³⁴.

Sem dúvida, as reformas de Pio XII contribuíram para uma nova teologia litúrgica, e podemos até acrescentar que o II Concílio do Vaticano desembocou numa teologia da liturgia graças às bases destas reformas lentas e amadurecidas. Todos se davam conta do crescendo da reforma litúrgica e toda a Igreja se abria naqueles anos às riquezas do mistério pascal, centro da vida da Igreja e de cada cristão.

³² Cf. PIO XII, «*Mediator Dei*», AAS 39 (1947) 521-600.

³³ Cf. G. AGNELO, «A encíclica “*Mediator Dei*” a cinquenta anos de distância», *Osservatore Romano* (edição portuguesa) 48 (29.11.1997) 19-20.

³⁴ PIO XII, «*Mediator Dei*», AAS 39 (1947) 528.

Outros acontecimentos marcaram profundamente o Movimento Litúrgico em toda a Igreja:

- a reforma da celebração da Vigília pascal e da Semana santa – “*Instauratio Vigiliae paschalis*”³⁵ (09.02.1951);
- a publicação do *Ordo Hebdomadae Sanctae instauratus*³⁶ (30.11.1955);
- a encíclica sobre a música na liturgia – “*Musicae sacrae disciplina*”³⁷ (25.12.1956).

O I Congresso Internacional de Pastoral litúrgica de Assis ficou célebre pelas palavras proferidas pelo Papa Pio XII no Discurso final na sala das Bênçãos do Vaticano em 23.09.1956: «o Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica»³⁸, e, ainda pelas palavras de J. A. Jungmann, S.J: «A chave da história da liturgia é a pastoral»³⁹.

João XXIII, na Basílica de S. Paulo a 25.01.1959, fez o anúncio do II Concílio do Vaticano. Quando João XXIII anunciou o Concílio não estava, certamente, nos seus pensamentos o tema litúrgico. Todavia, entre os primeiros inquéritos e entre as 9.384 propostas, 1.855 delas, ou seja, cerca de 20%, referiam-se à liturgia. Este era um sinal do desejo de uma renovação. O grande número de respostas vindas da Secretaria Geral da comissão ante preparatória foi lida como sinal de interesse pelos temas litúrgicos presente nos futuros Padres conciliares.

³⁵ CONGREGATIO RITUUM, «*Decretum Dominicae Resurrectionis Vigiliam*», AAS 43 (1951) 128-137.

³⁶ *Ordo Hebdomadae Sanctae instauratus*, Editio typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1956.

³⁷ PIO XII, «*Litterae encyclicae de musica sacra*», AAS 48 (1956) 5-25.

³⁸ PIO XII, «Alocução conclusiva aos participantes do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis», AAS 48 (1956) 712.

³⁹ Cf. J. JUNGSMANN, «La pastorale come chiave della storia della liturgia», in *Eredità liturgica e attualità pastorale*, Edizioni Paoline, Roma 1962, 556-574.

No Motu proprio *Rubricarum Instructum*, de 25 de Julho de 1960, dizia João XXIII: «*depois de ter examinado por muito tempo o assunto, decidimos que no Concílio Ecuménico se devem propor os grandes princípios “altiora principia” para a reforma litúrgica geral*»⁴⁰.

2. A reforma litúrgica⁴¹

A promulgação da *Sacrosanctum Concilium* acontece a 04.12.1963, 400 anos depois da conclusão do Concílio de Trento (04.12.1563). Pela primeira vez na história da Igreja, um Concílio Ecuménico tratou colegialmente o tema litúrgico em geral.

A reforma litúrgica insere-se exatamente na quadrupla finalidade geral do Concílio: «*fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja*»⁴².

Por isso, os princípios da reforma litúrgica foram:

- a) aumentar a vida cristã;
- b) adaptar as instituições eclesiais ao nosso tempo;
- c) promover a união dos cristãos (ecumenismo);
- d) propor a todos os homens o convite de entrar na Igreja (missão);
- e) realizar a nobre simplicidade e a clareza na brevidade dos ritos.

⁴⁰ JOÃO XXIII, «*Motu proprio “Rubricarum instructum”*», in C. BRAGA-A. BUGNINI, *Documenta ad instaurationem liturgicam spectantia (1903-1963)*, Edizioni liturgiche, Roma 2000, 1017.

⁴¹ Cf. SC 21-40.

⁴² SC 1.

Na realidade, «a renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Para muitos, a mensagem do Concílio do Vaticano II foi percebida, acima de tudo, através da reforma litúrgica»⁴³.

O sujeito da ação litúrgica é o povo de Deus. A valorização das Igrejas locais foi outro aspeto saliente, bem como a recentralização da Palavra de Deus na liturgia.

Como qualquer reforma eclesial verdadeiramente incisiva, que penetra no âmago da vida cristã, a reforma litúrgica suscitou incompreensões e pôs a claro várias formas de incoerência. Em geral, a reforma litúrgica foi bem acolhida na Igreja de Rito romano. Verificou-se que a liturgia viveu, depois dos primeiros anos da reforma litúrgica, uma fase de crise, dominada pela perda de entusiasmo, desencantada por não obter rapidamente os resultados que se esperavam em relação aos generosos esforços iniciais. Talvez se esperasse desta reforma uma “utilidade” pastoral, que não lhe correspondeu. A liturgia, de facto, não é um instrumento de pastoral, mas ação pastoral própria da Igreja no seu núcleo e na sua fonte, isto é, o lugar de encontro santificante dos homens e glorificante do Pai mediante Jesus Cristo no Espírito Santo⁴⁴.

A reforma da liturgia não é um movimento isolado. Esta interage com o movimento bíblico, o movimento ecuménico, o renovado vigor missionário e com a investigação teológica antes e depois do acontecimento conciliar. A renovação litúrgica aparece, em certo sentido, como o padrão e a condição para se porem em prática os ensinamentos conciliares.

Entretanto em 1985, aquando da celebração do Sínodo extraordinário dos Bispos sobre o balanço dos 20 anos do Vaticano II, os Padres sinodais afirmaram claramente que: «a renovação litúrgica é o fruto mais visível de

⁴³ J. PAULO II, «*Vicesimus quintus annus* 12», in *EDREL*, 748.

⁴⁴ Cf. T. GARRIGA, «La sacra liturgia, fonte e culmine della vita ecclesiale», in R. FISICHELLA (ed.), *Il Concilio Vaticano II*, 59.

toda a obra conciliar. Ainda que tenha havido algumas dificuldades, em geral ela foi acolhida pelos fiéis com alegria e com fruto»⁴⁵.

Esta renovação da liturgia não pode limitar-se às cerimónias, aos ritos ou aos textos, mas pretendeu conduzir àquela tão desejada participação ativa e consciente, felizmente aumentada depois do Concílio.

Após uma recuperação do encanto e da beleza da liturgia, vive-se atualmente o tempo da pastoral e da espiritualidade litúrgicas. Pode-se, portanto, articular em cinco períodos estes mais de 40 anos da reforma conciliar:

- 1) fase de entusiasmo;
- 2) fase de desencanto;
- 3) fase de recuperação;
- 4) fase de pastoral litúrgica;
- 5) fase de espiritualidade litúrgica.

Nos anos 60, viveu-se o enorme *entusiasmo* da aplicação da reforma da liturgia, nos quais se destacou: a abertura da liturgia às línguas vernáculas e o papel relevante atribuído às Conferências Episcopais; a restauração da concelebração e da comunhão sob as duas espécies; a simplificação do Ofício divino; as perspectivas missionárias que as possíveis adaptações ofereceram; a preferência do termo *unção dos doentes* ao antigo de *extrema unção*; o anúncio de que é possível reformar toda a liturgia; o ênfase ao mistério pascal; a participação dos fiéis e a dignificação do culto.

Nos anos 70⁴⁶, assistiu-se a um *desencanto* na receção da reforma, devido a uma renovação não suficientemente preparada, permanecendo a

⁴⁵ Relação final do Sínodo Extraordinário dos Bispos 1985, 4, in *Viver o Concílio*, Editorial A.O., Braga, 1986, 46.

⁴⁶ Note-se, porém que, em 1974, iniciam-se em Portugal as semanas de Pastoral litúrgica, que congregam milhares de pessoas em Fátima e muito têm contribuído para a formação litúrgica das dioceses portuguesas.

reforma no exterior. Foram, no entanto, anos marcados pela: fixação das celebrações e a publicação dos livros litúrgicos; o crescimento rápido da secularização da sociedade; a crise dos sacerdotes. Nestes anos, ao ver que a liturgia não resolvia todos os problemas de fundo, a preocupação pastoral voltou-se para a evangelização.

A *recuperação* operou-se nos anos 80. Uma reorientação litúrgica favoreceu a procura de um novo estilo de celebração. A relação celebração-evangelização tornou-se mais dinâmica e conciliatória.

A *pastoral litúrgica* salientou-se nos anos 90. Existiu uma plena sintonia com os novos *Ordines* e um renovado interesse pela Palavra de Deus⁴⁷. Surgiram os novos Leccionários com um dinamismo vital. Sublinhou-se o Domingo como a festa primordial. A nova evangelização tornou-se uma prioridade. O valor da Liturgia das Horas foi considerado com maior destaque, bem como a experiência do silêncio na oração.

No limiar do terceiro milénio fez-se um apelo à *espiritualidade litúrgica*. Podemos verificar alguns frutos positivos da reforma litúrgica⁴⁸:

1. a participação mais ativa e consciente dos fiéis na liturgia;
2. o enriquecimento doutrinal e catequético;
3. o uso da língua vernácula;
4. a abundância das leituras bíblicas;
5. o aumento do sentido comunitário da vida litúrgica;
6. os esforços bem sucedidos para eliminar o desacordo entre vida e culto, piedade litúrgica e piedade pessoal e liturgia e piedade popular.

⁴⁷ Cf. SC 35.

⁴⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS SACRAMENTOS E DO CULTO DIVINO, «Instrução “*Inaestimabile donum*”», in *EDREL*, 627.

Restam, contudo, grandes trabalhos a realizar. O prosseguimento da séria investigação bíblica e teológica sobre os temas atinentes à liturgia (*lex orandi*) será, certamente, um apoio precioso para o desenvolvimento e a consolidação da mesma sempre a renovar no espírito e na prática concreta.

Todo o espaço da reforma litúrgica foi sustentado pelo *Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia* (25.01.1964 – 09.05.1969), constituído para a aplicação da *Sacrosanctum Concilium*. Os seus objectivos principais eram:

- 1) pôr em prática a constituição litúrgica;
- 2) preparar os novos livros litúrgicos segundo as normas do Concílio;
- 3) promover experiências litúrgicas adequadas.

Com a publicação do Motu Proprio *Sacram Liturgiam*⁴⁹ (25.01.1964), define-se a função da nova comissão, que deverá rever alguns ritos e preparar os novos litúrgicos. Houve quem o considerasse um retrocesso em relação à *Sacrosanctum Concilium*, visto que a Santa Sé se reservava o direito de aprovar as traduções para as línguas vernáculas.

A Instrução *Inter Oecumenici*⁵⁰ (26.09.1964) trouxe uma maior clareza sobre a competência das Conferências Episcopais em matéria litúrgica e uma explicação determinada sobre alguns princípios gerais.

Em 1965, o *Consilium* iniciou a publicação da revista *Notitiae*, como seu órgão oficial. A revista foi criada para informar sobre todas as actas do processo da reforma litúrgica e sobre os livros que eram aprovados pela Santa Sé. A par destes actos da reforma na Cúria Romana, também surgem as deliberações das várias Conferências Episcopais. Em Portugal, o Bispo de Portalegre-Castelo Branco, D. Agostinho Lopes de Moura, então

⁴⁹ PAULO VI, «*Motu proprio Sacram Liturgiam*», in *EDREL*, 428-431.

⁵⁰ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS-CONSILIIUM, «*Inter Oecumenici*», in *EDREL* 433-448.

presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, dá conta das iniciativas realizadas, como a VIII Semana de Pastoral na sua diocese, aberta a todas as dioceses, com a presença do P. Roguet, OP. Refere também os resultados e as dificuldades das primeiras aplicações da reforma, bem como as propostas formuladas⁵¹.

A Instrução *Tres abhinc annos*⁵² (04.05.1967), publicada para uma correcta aplicação da constituição sobre a sagrada liturgia, refere algumas modificações no *Ordo Missae*, como por exemplo, a recitação do Cântone da Missa em alta voz, o uso da língua falada no Cântone e em todo o rito das Ordenações. Outras variações na celebração do Ofício divino e nos ofícios de defuntos foram também implementadas.

A Instrução *Musicam sacram*⁵³ (05.03.1967) sublinha a dignidade e a importância da música na acção litúrgica proposta pela *Sacrosanctum Concilium*⁵⁴. Este documento traça algumas características essenciais da música litúrgica: o canto litúrgico deve ser expressão delicada da oração (cf. SC 112); a música está ao serviço do texto, valorizando a palavra sagrada que se reza; o canto litúrgico a ser cantado pela assembleia seja factor de comunhão; o canto seja de boa qualidade formal, a fim de abrir as pessoas para o invisível.

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*⁵⁵ (25.05.1967) reflecte sobre o culto do mistério eucarístico. Este texto conjunto da Sagrada Congregação dos Ritos e do *Consilium* apresenta os aspectos mais importantes dos documentos da Igreja sobre o mistério da Eucaristia. Além disso, expõe alguns princípios gerais que se devem ter em conta na catequese dos fiéis

⁵¹ Cf. *Not 1* (1965) 172-173.

⁵² SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS-CONSILIUUM, «*Tres abhinc annos*», in *EDREL*, 498-502.

⁵³ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS-CONSILIUUM, «*Musicam sacram*», in *EDREL*, 486-497.

⁵⁴ Cf. SC 112-121; Cf. SERVIÇO NACIONAL DE MÚSICA SACRA – SNL, *A música sacra nos documentos da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 2006.

⁵⁵ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS-CONSILIUUM, «*Eucharisticum Mysterium*», in *EDREL*, 503-527.

sobre a Eucaristia, algumas normas gerais para ordenar a celebração do memorial do Senhor na comunidade dos fiéis e o culto devido à Eucaristia como sacramento permanente.

No dia 28 de Abril de 1969, Paulo VI anunciou a divisão da Sagrada Congregação dos Ritos em dois dicastérios autónomos, um para o Culto Divino e outro para as Causas dos Santos. De facto, a 8 de Maio de 1969⁵⁶ criou a Congregação para o Culto Divino. O *Consilium* inseriu-se na nova Congregação para o Culto Divino com a função de completar a reforma litúrgica. Mais tarde esta passou a designar-se Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (constituição *Pastor Bonus* - 28.06.1988).

Importa ainda dizer que foram mais de 30, os livros litúrgicos da reforma litúrgica do II Concílio do Vaticano, ou seja, o Missal Romano em três edições (1970, 1975 e 2002), o Pontifical Romano em 7 livros, o Ritual Romano em 11 livros, o lecionário em 9 livros, a Liturgia das Horas em 4 livros e o Martiriológico.

A tradução destes textos latinos da liturgia para as línguas modernas foi o primeiro passo da reforma litúrgica. Efetivamente, «*o texto litúrgico, enquanto documento ritual, é um meio de comunicação oral. Ele é antes de mais um sinal sensível, pelo qual os homens rezam e comunicam entre si. Mas, para os crentes que celebram a liturgia, a palavra é ao mesmo tempo mistério: através das palavras pronunciadas é o próprio Cristo que fala ao seu povo e o povo responde ao seu Senhor; é a Igreja que fala ao Senhor e exprime a voz do Espírito que a anima*»⁵⁷.

O breve itinerário histórico, que apresentamos, permitiu-nos mostrar o desenvolvimento da liturgia ao longo das diferentes épocas culturais e, simultaneamente, constatar que a liturgia é um organismo vivo que se

⁵⁶ PAULO VI, «*Constitutio Apostolica Sacra Rituum Congregatio*», AAS (1969) 297-305.

⁵⁷ CONSILIVM, «Instrução sobre a tradução dos textos litúrgicos para a celebração com o povo 5», in *EDREL* 548.

movimenta na história da Igreja. A liturgia desenvolveu-se ao longo dos dois primeiros milénios do cristianismo e mesmo depois da última reforma conciliar irá continuar o seu desenvolvimento. Ela é a continuação do crescimento permanente do anúncio da Palavra de Deus e da experiência do mistério de Cristo celebrado na comunidade cristã.

+ José Manuel Garcia Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda